



CONGRESSO DO ESTADO DE S. PAULO

FACTOS HISTORICOS
DA
Politica Republicana Brasileira

E A
Sessão do Partido Republicano Federal

DISCURSO PRONUNCIADO

PELO
Dr. Augusto G. de Miranda Azevedo

Na sessão de 19 de Julho de 1897

RIO DE JANEIRO
Typographia LEUZINGER

1897

DISCURSO

CONGRESSO DO ESTADO DE S. PAULO

FACTOS HISTORICOS

DA

Politica Republicana Brasileira

E A

Seisão do Partido Republicano Federal

DISCURSO PRONUNCIADO

PELO

Dr. Augusto C. de Miranda Azevedo

Na sessão de 19 de Julho de 1897

V
981.05
A 994
FH
1897

RIO DE JANEIRO
Typographia LEUZINGER

1897

BIBLIOTECA DO SENADO FEDERAL

Este volume acha-se registrado

sob número 545-F

do ano de 1974



DISCURSO

pronunciado pelo Dr. Augusto C. de Miranda Azevedo
na sessão de 19 de Julho de 1897

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Sr. presidente, por diversos motivos sou obrigado a vir abusar da atenção de V. Ex. e da casa (*Não apoiados*).

Não desejava occupar a atenção da Camara por longo tempo, porque não queria mais uma vez ser accusado de perturbador da bôa marcha dos trabalhos desta casa e dos negocios publicos, com as minhas theorias parlamentaristas, consideradas crime de lesa-Republica, pelos intolerantes jacobinos, alguns dos quaes julgam esse o melhor penhor de seu novo puritanismo.

Vi, porém, que essa boa disposição do nosso regimento, que permite a discussão ampla, a liberdade de tratar-se da politica geral, que o anno passado foi aqui julgada merecedora de uma emenda para ser supprimida...

O Sr. SIQUEIRA CAMPOS — Continuo a pensar do mesmo modo.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — ...foi adoptada, por muitos daquelles que julgavam má, essa medida salutar, e vieram demonstrar mais uma vez as razões que tenho para continuar a defender a Republica parlamentarista, isto como a fórmula que melhor se coaduna com a nossa phase social e indole ethnica.

Não insistirei sobre as vantagens do systema, sobre os motivos porque cada vez mais convencido, defendo o parlamentarismo como a melhor fórmula da republica no Brazil.

Sinto que a ausencia do illustre *leader* da bancada da minoria, não me permitta ter na minha resposta, a mesma liberdade que teria, se S. Ex. estivesse presente, e não nos tivesse privado de illuminar esta discussão com o seu sympathico sorriso de sabio allemão.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Não compareceu á sessão por motivos de ordem superior.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Nem eu o estou censurando por estar ausente. Apenas lamento não vel-o presente, porque desejava justamente responder a um aparte seu por occasião do discurso do Exmo. Sr. Dr. J. de Mesquita, e a uma proposição que o anno passado S. Ex. affirmou quando eu tratava desta questão de parlamentarismo. Quanto ao aparte,

deixarei para a primeira oportunidade a replica, face a face — lealmente, respondendo a insinuação malevola de S. Ex., quanto á proposição — que é ponto de historia e de doutrina, tratarei mesmo em sua ausencia.

Afirmava eu que no periodo da propaganda, na occasião em que se fundava o partido republicano, e no Manifesto de 1870, nenhum dos signatarios desse documento cogitava da questão de fórma de systema do governo da Republica. S. Ex. contestou essa minha asseveração e appellou para documentos historicos. Convicto que estava com a verdade, convidei-o a trazer testemunhos ou produzir documentos que demonstrassem ter-se escolhido, a maneira presidencial dos Estados Unidos da America do Norte e condemnado a do parlamentarismo do Chile ou a cantonal da Suissa.

Respondi-lhe com a autoridade de quem tinha sido, embora, *pars minima*, nesse facto historico, e até hoje esperei a contestação de S. Ex.

Eis chegada a occasião propria para com documentos da propaganda e leitura de trechos do Manifesto mostrar que a razão e a verdade estavam da minha parte.

Mas peço desculpa aos illustres oradores que me precederam si não posso dispor do mesmo vigor de palavra, da mesma coordenação de idéas com

que vieram aqui abrilhantar a discussão. Por motivos de minha vida de labutações diárias, não pude coordenar precisamente todas as conclusões aqui estabelecidas, para dar, tanto quanto me permittisse a fraqueza de meus recursos (*não apoiados*) a resposta a cada uma dessas proposições.

O Sr. SIQUEIRA CAMPOS — V. Ex. sempre discute com brilhantismo (*Apoiados*).

O Sr. MIRANDA AZEVEDO. — Demais, confesso, Sr. presidente, que não me acho completamente restabelecido do pasmo, e do terror rubro, que causou-me o discurso do distincto orador que me precedeu neste debate.

Se tenho a registrar surpresas na minha vida politica, com segurança — uma das maiores — foi a manifestação atavica, de crueldade, proclamada pelo illustre Sr. Dr. Pedro de Toledo. Faço justiça aos sentimentos de S. Ex., e penso que foi mais por amor da arte, por um arrastamento da corrente que o cerca, que veiu sustentar da tribuna, aquellas theorias tão sanguinarias, tão pouco compatíveis com a indole nacional, e até com o suave e mansueto physico de S. Ex. — Verdade é, que *quem vê rosto não vê coração* — mas não posso crêr que S. Ex. seja tão feroz como se manifestou. Só por aberração de intelligencia e de sentimento, ou por paradoxo, seria permittido acceitar o lemma de S. Ex. que a

amnistia e o perdão tem sido as causas principaes dos males que affligem a Republica Brasileira! Porventura S. Ex. acha que as scenas do Paraná e de Santa Catharina dão-nos maior nome e mais gloria que os actos de amnistia do marechal Floriano ou do actual governo?

Mas não quero transviar-me por esse terreno, procurarei acompanhar, embora de modo geral, as considerações aqui produzidas, e virei responder tambem, em nome meu e dos meus companheiros de opposição até hontem, as diversas allusões que têm sido hoje atiradas daquella bancada contra a nossa attitude actual.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Não se tem feito allusão nenhuma.

Sr. PEDRO DE TOLEDO — V. Ex. é injusto.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Sr. presidente, si ha alguém que possa estar á vontade, e de modo positivo affirmar sua posição correcta na crise actual que agita o paiz, somos nós da antiga minoria.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Perfeitamente, são parlamentaristas...

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Mas antes de tudo republicanos leaes. Emquanto não se sabia de que lado estava a victoria, quando ainda se ignorava quem seria governo em definitiva, fomos nós que daquella bancada affirmámos que nossa posição

de hoje, como nossa posição de hontem, era ao lado do presidente civil, escolhido pela Nação contra toda a intervenção, do militar no governo supremo da Republica.

O Sr. PEDRO DE TOLEDO — Mas onde viu S. Ex. essa intervenção militar?

O Sr. JULIO DE MESQUITA — Ainda o artigo da *Republica* de hontem, que é o orgão official do partido de V. Ex., dirigido pelo general Glycerio, o confirma.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Essa foi a attitude que sempre mantive desde a propaganda, no periodo inicial da Republica contra essa tendencia patrocinada pelo chefe de VV. Exs.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — V. Exs. são parlamentaristas, e, como taes, não podem apoiar o governo dentro da Constituição. O parlamentarista está fóra da Constituição.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — Não apoiado, não está fóra. Não ha partido politico fóra da Constituição.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — O partido parlamentarista.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — Não senhor.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Eu não estranho o aparte do nobre deputado, de S. Ex., que ha pouco sustentou nesta casa doutrina tão pouco de-

mocratica, nada devo admirar. Ha pouco vimos o illustre deputado esquecer todos aquelles bellos principios que devem constituir a bandeira de um partido genuinamente democratico, para querer obrigar um cidadão a exercer um munus publico, contra a sua vontade, sem poder deixar de o exercer para occupar outro, sob pena de incorrer em sancção do codigo, tentar reduzir um cidadão livre a antigo servo da gleba.

E nesse empenho em defender, tão má causa ainda S. Ex. se esqueceu de que desta mesma Camara foram tambem retirados representantes do povo para outros cargos, sem protestos do nobre deputado.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Um mandato popular por outro mandato tambem popular.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Na mais justificavel e logica das posições acho-me eu, Sr. presidente, e os meus companheiros da antiga opposição, que hoje apoiamos o governo, tomando direcção opposta á dos nobres deputados da minoria que se julgam muito mais republicanos do que os outros, sinão os unicos republicanos.

O Sr. PEDRO DE TOLEDO — Não apoiado. V. Ex. não nos faz justiça: V. Ex. tem sido sempre muito bom republicano.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — V. Ex. nunca foi suspeito á Republica.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Si a latitude deste debate tem sido permittida principalmente para que se definam as posições bem claramente, no momento politico actual, eu peço licença para, seguindo o exemplo, citar alguns factos historicos e mostrar ao distincto jurisconsulto, ao illustre chefe dessa bancada, que a idéa parlamentarista, que tambem é partilhada por alguns membros da minoria, não é uma idéa que mereça ser acoimada de anti-republicana.

Na propria Constituição federal o nobre deputado, com o seu espirito lucido de jurisconsulto emerito, conhecedor da hermeneutica juridica, ha de ver que existem germens e vestigios de boas praticas parlamentaristas. E para não abusar da attenção da casa deixo de fazer a leitura e a analyse dos artigos a que me refiro, limitando-me a citar de passagem os artigos 28.º e 29.º da Constituição de 24 de fevereiro.

Mas, voltando ao periodo da nossa propaganda, vou provar que eu e os meus companheiros adeptos do parlamentarismo é que estamos com as tradições republicanas.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Não sei como V. Ex. se póde avir com a maioria, que não é parlamentarista.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Nós os parla-

mentaristas somos tolerantes ; e V. Ex. bem podia nesse sentido tomar o nosso exemplo, e procurar mesmo ao seu lado, conselho insuspeito de actual companheiro. Voltarei a este ponto e justificarei a minha posição, mostrando a V. Ex. que me sinto perfeitamente ao lado da maioria, que sustenta o governo civil, contra os arruaceiros impenitentes de quartéis ; para os quaes S. Exs. não devem de querer o *pernicioso systema de amnistia e de perdão*.

Creio que não é preciso grande esforço de memoria, para lembrar o que se passou aqui, quando apresentei o pedido de informações sobre a ausencia do Sr. presidente do Estado, desta capital. S. Ex. deve ter presente o debate em que tomaram parte diversos collegas, e sabe como ahí firmei a nossa posição. Nessa occasião não havia *janella aberta para o governo* ; a maioria que rejeitou o meu requerimento, e que apoiava *incondicionalmente* o governo do Estado e da Republica, contava em seu seio os conspicuos nomes de SS. Exs. e do *leader da actual opposição*. São factos recentes e bem conhecidos.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Não houve aruaça alguma.

O Sr. ALMEIDA VERGUEIRO — A nossa opposição é constitucional.

O Sr. PEDRO DE TOLEDO — A suffocação da revolta é arruaça ?

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Continuando, Sr. presidente, vou ler á casa o trecho do Manifesto de 1870 a que me referi. (*Lê*) Na parte sob a epigraphie *A verdade democratica* se lê : « A soberania nacional só póde existir, só póde ser reconhecida e praticada em uma nação cujo parlamento, eleito pela participação de todos os cidadãos, tenha a suprema direcção e pronuncie a ultima palavra nos publicos negocios ».

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Onde está o parlamentarismo ?

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — No trecho que acabo de ler está manifesta a orientação parlamentarista ; do predomínio do parlamento na administração do paiz.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — Vamos confessar que é parlamentarista.

O Sr. MIRANDA DE AZEVEDO — Só o não será, si predomínio do parlamento — quer dizer predomínio do poder executivo — do presidente !

O Sr. JULIO MESQUITA — Mas, o programma do partido transformou-se.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — A Constituição é que é a verdade republicana.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Não tem S. Ex.

razão. A corrente dominante da propaganda, obedeceu sempre ás leis mesologicas naturaes, e são accentuadamente parlamentaristas as tendencias de então, e é isso que tenho a pretensão de querer demonstrar.

Encontramos traços profundos dessa feição no proprio programma do partido republicano de S. Paulo, que, como V. Ex. sabe, de todos os Estados era o que melhor orientação e organização apresentava. Orgulho-me de assignalar essas boas praticas, pois V. Ex. sabe que aqui foram seguidas as boas normas democraticas da consulta prévia aos cidadãos republicanos para a eleição de seus directorios locais, para candidaturas...

O Sr. ALBERTO SARMENTO — E' uma das coisas que o general Glycerio pede, o restabelecimento dessas praticas.

O Sr. OSCAR DE ALMEIDA — Porque abandonou, para depois pedir? (*Apoiados*).

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Está pedindo ainda nos boletins.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — ... nesses bellos tempos da propaganda. Folgo de vêr agora VV. Exs. bem inspirados, reconhecerem a necessidade do que eu dizia aqui o anno passado, pedindo que voltassemos á educação do povo republicano por uma nova propaganda ; bem hajam por quererem

restabelecer a boa doutrina promovendo a delegação de diversas localidades em um congresso do partido...

O Sr. JULIO DE MESQUITA — Coisa que o general Glycerio não fez porque não quiz.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — E mostrarei que até impediu; tenham paciencia que lá chegarei.

O Sr. PAULA NOVAES — Não tinha tempo: era *leader* da Camara Federal.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — A proposito disso contarei aqui um escrutinio que fizeram a meu respeito.

O Sr. MALTA JUNIOR — E eu tambem preciso contar um escrutinio que fizeram a meu respeito.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — E eu então contarei tambem um, que não fizeram a meu respeito, e que o autor principal foi o general Glycerio (*Riso*).

O Sr. PRESIDENTE — Peço aos nobres deputados que deixem o orador continuar.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Nas bases apresentadas, para projecto de constituição por uma Comissão, nomeada no Congresso republicano de Novembro de 1873, e approvadas na reunião de Abril de 1874, como era costume, lê-se no *Título 2º, — Capitulo 4º, art. 22, Das attribuições do Congresso*:

(Lê) « Nomear e demittir o chefe do poder exe-

cutivo, tendo em vista o bem do Estado e a boa marcha dos negocios publicos. «Nomear os membros do tribunal superior e dos tribunaes de comarca».

E mais adiante no mesmo *Título II* — no *art. 23* — «O poder executivo é confiado a um funcionario que se denominará CHEFE DO PODER EXECUTIVO, o qual *será de livre nomeação e demissão da Assemblêa Geral*».

Vê V. Ex., Sr. presidente, que destes artigos não se pôde dizer, inferir que o partido republicano sustentava doutrina antiparlamentarista.

Vai além, a attribuição dada ao parlamento neste projecto de constituição : dá ao poder legislativo o direito de nomear o poder judiciario, que era reconhecido tambem como um dos poderes do Estado.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Isso é parlamentarismo ?

O Sr. FONTES JUNIOR — No regimen presidencial tambem ha essa disposição. A nossa Constituição federal mesmo a consagra no artigo que dispõe, que as nomeações de ministros do Supremo Tribunal Federal devem ser approvadas pelo Senado.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Desconheço a lucidez da intelligencia do illustre collega ; a menos que não queira abusar de sua superioridade para embaraçar-me. S. Ex. sabe perfeitamente ²quão

diferente na sua essencia e na sua fórma é a funcção de nomear ou de approvar. Seria o caso de dizer que o presidente que sanciona uma lei, confecciona essa lei. E de mais, essa disposição existente na Constituição é ainda uma hegemonia do parlamento sobre os outros poderes é uma fórma do parlamentarismo. Ha o ideal : e se não temos o parlamentarismo ideal, temos os inconvenientes sem os seus beneficios. Já declarei aqui, e serviu até de allusão a meu respeito, feita no seu bello discurso, pelo illustre collega Dr. Pedro de Toledo, que o ideal de todos os povos republicanos não será a Republica, mas uma fórma de governo ainda mais perfeita.

O Sr. PEDRO DE TOLEDO — Socialismo vermelho !

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Esse será o de V. Ex., e de seus amigos que não querem sentimentalismo, nem amnistia, piedade ou perdão. Eu ficarei com o socialismo puro, branco ou azul celestial. Não faço muita questão da côr, prefiro mais a essencia que a fórma ; em summa seguirei o socialismo scientifico. Declarei que se houvesse um partido socialista scientifico perfeitamente organizado, capaz de influir de modo positivo na felicidade da patria e da Republica, talvez eu fosse pertencer a esse partido.

O Sr. FONTES JUNIOR — Não seria parlamentarista.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Nessa ocasião não seria.

O Sr. FONTES JUNIOR — Evolucionaria, mas o que V. Ex. não pôde negar é que ha antinomia entre socialismo e parlamentarismo.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Creio que V. Ex. não vai negar que os individuos que jazem neste valle de lagrimas, por estarem aqui involuntariamente, com a obrigação das leis e da Constituição, tenham deixado de aspirar ás venturas celestes...

O Sr. JULIO DE MESQUITA — O socialismo é um idéal remoto.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Mas, Sr. presidente, voltando mais uma vez ás minhas considerações, vou relembrar o art. 23 referente ao predomínio do parlamento, que é muito eloquente, e que ha pouco li. Não ha, Sr. presidente, uma só pessoa de boa fé e de mediocre intelligencia, que perante esse artigo deixe de reconhecer a influencia das idéas da Revolução franceza, da supremacia do parlamento sobre o executivo; isto é, do governo das maiorias deliberantes sobre as minorias.

E pergunto a VV. Exs. se isto é, ou não é, francamente parlamentarista?

O Sr. ALBERTO SARMENTO — E' do programma do partido ?

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — E' do projecto de constituição apresentado em virtude da deliberação do Congresso de 1873 e approvedo no de Abril de 1874. As bases foram apresentadas em 1874, como disse ha pouco.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Por quem está assignado ?

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Eu já previa a pergunta. Está assignado pelo Sr. Jorge Tibiricá, que apenas fez restricções em relação á guarda civica, pelo Sr. Dr. Americo Braziliense, de saudosa memoria, que fez restricções em relação á divisão dos poderes, e pelo Sr. Campos Salles, que fez pequenas restricções, sem declarar quaes eram.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — E que votou a Constituição de 24 de fevereiro.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — As bases são de 1874 e a Constituição de 1891.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — O que prova que elle evoluiu e o nobre orador estacionou.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — O que o orador quer demonstrar é que antigamente havia no partido tendencias parlamentaristas.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — E' justamente isso que acaba de dizer o meu illustrado collega

Sr. Dr. Julio de Mesquita. A questão de saber, si o parlamentarismo, é producto de evolução ou regressão é outra.

Não quero insistir sobre este ponto, porque o julgo sem applicação no momento actual e mesmo porque já me occupei dessa these o anno proximo passado quando fui chamado á discussão pelo illustrado Dr. Siqueira Campos. E ainda melhor que por mim, se acha ella illucidada, por publicistas de valor, como Silvio Romero, que não deve ser suspeito aos membros da minoria, e que é parlamentarista. Mas direi sempre aos illustres collegas da minoria, que é prova de fraqueza ou de desconfiança propria, esse zelo pharizaico de sermos os unicos republicanos puros (*apoiados*) de accusarmos todos os outros que não leem pelo mesmo Alcorão, por terem outras crenças, de máus cidadãos, de republicanos suspeitos!

O Sr. PEDRO DE TOLEDO — V. Ex. levanta castellos sem necessidade.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Direi a V. Ex. que por causa do zelo das antigas praticas do partido republicano, durante a propaganda, por zelarmos dessas boas praxes é que alguns de nós estamos mais profundamente divididos da politica e da direcção que aos negocios publicos deu o seu illustre chefe, general Glycerio — não sei si de divisão, de

scisão ou de brigada: elle disse que commandava vinte e uma brigadas...

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Commanda doze brigadas fortes.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — Não se sabe.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Quando era general de exercito e S. Ex. reunia em si talvez a maior somma de prestigio politico, a maior somma de poder de que um homem é capaz, na direcção de quasi todos os republicanos, foi justamente quando S. Ex. se esqueceu desses bons principios, da lei de selecção, invocada hontem pelo illustre deputado da minoria, dando lugar a que um grande numero de bons republicanos se separassem de S. Ex. aqui em S. Paulo.

O Sr. PAULA NOVAES — Neste ponto apoiado.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Não foi por motivo de despeito, nem de disputa para occupar um logar remunerado, um logar publico que me separei desde então da sua direcção. Foi justamente porque esse illustre chefe, já fazendo parte do governo provisorio, já anteriormente, se esqueceu desses principios salutaes da sciencia da selecção, dos proprios dictames do bom senso e do instincto de conservação, e procurou supprimir os republicanos historicos, os veteranos que tinham provado sua dedicação á Republica, para acolher esses novos

elementos que vieram alterar a boa orientação do governo republicano em todo o paiz, que deixei de seguir a nova bandeira incolor e sem diviza que hasteou.

Foi esse elemento extranho que introduziu no seio do velho partido republicano, o primeiro germen da fermentação que tem continuado até hoje, produzindo a actual divisão republicana. E o unico auctor desse phenomeno, ou pelo menos o principal responsavel, é o Sr. Francisco Glycerio.

E por causa desse acto de S. Ex. vir em uma festa, *inter pocula*, supprimir não uma divisão nem uma brigada, porém todo o glorioso exercito de veteranos do partido republicano historico, é que nós nos revoltamos, alguns que eramos soldados e outros que tambem eram chefes, e protestamos todos contra o attentado de sua cegueira das alturas.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — O facto é incontestavel.

O Sr. OSCAR DE ALMEIDA — Os da propaganda foram esquecidos.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Foi por esse acto de S. Ex. de desconfiar de seus companheiros, servindo-se das dragonas de general as quaes lh'as haviamos feito ganhar, para intervir em decisões locais, na indicação dos candidatos, mandando cessar, por simples telegramma, uma funcção pu-

ramente local, perfeitamente nas praticas do governo republicano, qual a escolha de um candidato, por esse acto, digo, é que nos revoltámos contra sua direcção. Sobresaiu nesse altivo movimento patriótico o nucleo de republicanos de Santos, que levantou o primeiro grito contra esse general, que o feriu em uma de suas prerogativas mais legitimas, qual a escolha prévia de um candidato.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Foram solidarios todos os chefes.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — Ninguem nega; e o Dr. Campos Salles e os outros estão perfeitamente correctos.

O Sr. PEDRO DE TOLEDO — V. Ex. assim fala contra todos os republicanos de S. Paulo.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Assignalo os erros de um; a outros o dos outros.

Me occupo com o *chefe* dos *chefes*, como dizem, a S. Exs., os sub-chefes.

E' questão de gosto ou de orientação, ou de evolução.

O Sr. PEDRO DE TOLEDO — Vem ahí a lei da selecção.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — Foi V. Ex. quem a inventou.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Eu, que tenho

a honra de ter sido o popularizador da doutrina darwiniana entre nós, fazendo sobre ella conferencias, vi com muito prazer a sympathia que por ella tem o illustre deputado da minoria, só lamentei que fizesse o estudo só para elogiar os phenomenos atavicos e regressivos, e quizesse a realidade do *homo hominis lupus* no seculo actual.

O Sr. PEDRO DE TOLEDO — Não sabia, sinão não teria tocado em seára alheia.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Mas, não julguem V. Exs. que eu penso que só o general Glycerio é culpado desses desvios das boas praxes. Eu lá chegarei, e peço aos nobres deputados que me sirvam de cyrneos quando não conduzir bem a cruz dos nossos peccados (*Riso*).

O Sr. PEDRO DE TOLEDO — Não é bom destacar personalidades.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Eu já sou naturalmente prolixo, e os apartes dos nobres deputados me levam, a occupar-me com incidentes e prolongar o meu discurso.

Eu lamento (e lamentar não é censurar) a ausencia do illustre deputado Dr. Pereira dos Santos, que sei que tem sympathias pelo movimento republicano desde o tempo de estudante, pois quero lembrar um facto occorrido em Santos.

O Sr. PAULA NOVAES — Parece que combinamos neste assumpto.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Muitas vezes a boa orientação faz approximarem-se duas pessoas que militam em campos oppostos. Assim peço licença para ler os seguintes trechos do *Manifesto do Centro Republicano de Santos*, publicado a 22 de fevereiro de 1890 que historia a primeira divisão da familia republicana depois de proclamada a Republica, e occasionada pelo esquecimento do Sr. Francisco Glycerio, das boas normas democraticas e os serviços dos antigos companheiros.

(Lê) « O directorio pensa cumprir o seu dever vindo deante de vós demonstrar : Não ter este, nem os passados directorios provocado esta divisão; e ainda mais que o actual directorio, herdeiro e guarda das antigas tradições do partido republicano Santista, está disposto a não se afastar uma linha da norma de conducta até aqui seguida : será sempre uma força ao redor da democracia e empenhará toda a sua energia em manter na Republica os principios pelos quaes se bateu contra a monarchia.

« Para documentar essas affirmativas somos obrigados a narrar os factos que motivaram aquella divisão, sem no emtanto justificar-a.

« Nos ultimos dias da monarchia tinha o Partido Republicano de Santos de ir perante as urnas

mais uma vez afirmar a sua dedicação pelas idéas democraticas.

« O directorio de então, pela maioria de seus membros, interpretando o desejo dos seus correligionarios politicos, tinha resolvido escolher para candidato á assembléa geral o illustrado cidadão Julio Mesquita.

« Era opinião corrente que esta candidatura seria acceita sem discrepancia de suffragios na eleição prévia.

« Inesperadamente, porém, o cidadão Leão Ribeiro, presidente do directorio naquella epoca, apresentou aos seus companheiros um telegramma da Commissão Permanente do Partido Republicano de S. Paulo, levantando a candidatura do Dr. Bernardino de Campos, actual chefe de policia; os demais directores fizeram ver ao cidadão presidente que a escolha do cidadão Julio Mesquita estava assentada pelo partido e que se tivessem sido ouvidos antes não duvidariam proteger a candidatura do Dr. Bernardino de Campos; mas que para dar uma prova que esse correligionario era digno de toda a consideração, resolviam sujeitar-se ao resultado da prévia, fosse elle qual fosse, no que concordou o cidadão presidente.

« Para esse fim foi convocado o partido e estando em meio o trabalho da votação prévia, o

Sr. Antonio Carlos da Silva Telles interrompeu a marcha da eleição para *ler um telegramma* do cidadão Francisco Glycerio.

«O nosso distincto correligionario cidadão Vicente de Carvalho oppoz á leitura desse telegramma, declarando não dever o partido nas eleições prévias tomar conhecimento da indicações do centro, por isso que tinha a soberania para escolher seus representantes.

«Travando-se então uma discussão calorosa, retirou-se da sala o Sr. Antonio Carneiro da Silva Telles.

«Verificado o resultado da prévia, teve o illustre cidadão Julio de Mesquita cento e oito votos contra dezeseite, alcançados pelo Dr. Bernardino de Campos.

«Na eleição geral foi o nome do cidadão Julio Mesquita suffragado nesta cidade por cento e quarenta e cinco votos.

«Eis cidadãos correligionarios, narrada com singeleza a primeira scisão nascida no seio do, até aquella época, disciplinadissimo Partido Republicano Santista ».

O Sr. PAULA NOVAES — Essa era a boa theoría.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Não é a primeira scisão que o Sr. Francisco Glycerio provoca no partido a que pertence, no momento em que todos

o não acompanham ; a que hoje assistimos, não sei se mais admirados pela futilidade do pretexto, se pela ousadia com que pretende illudir o povo, procurando causas occultas para um facto bem claro.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Outros chefes determinaram outras scisões em piores circumstancias.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — VV. EEx. devem discutir esses actos. O dever de patriotas e de republicanos, impõe-lhes essa tarefa.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — A scisão por occasião da eleição do marechal Deodoro.

O Sr. ALMEIDA VERGUEIRO — Esse é um facto muito importante. D'ahi nasceu a primeira desordem.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Tenham um pouco de paciencia que eu lá chegarei ; mas não posso deixar de registrar os dois apartes com que me honram os illustres membros da minoria e de declarar que estou de pleno accordo com SS. EEx. nos conceitos que emitiram.

A imparcialidade da historia, já deu por julgado, que da luta aberta, pelos ex-amigos do marechal Deodoro, a cuja frente se collocou o Sr. Francisco Glycerio, datam as difficuldades mais sérias do actual regimen.

Houvesse um pouco mais de prudencia e de calma, e menos ambição ou antes vaidade pessoal e todas as violencias que lamentamos e que soffremos não teriam se succedido. De um illustre chefe republicano, que teve sua responsabilidade envolvida nesse ensejo, ouvi essa confissão leal e patriótica, por occasião da subida do marechal Floriano ao governo, confissão tanto mais importante, quanto foi espontanea, e estavamos no terreno da luta em linhas oppostas.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — Braza arde mesmo, e quem sente ardor grita.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Aqui ninguem grita.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — Geme, então.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Não se geme, protesta-se. Só gememos de saudades pela Republica.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Sou o primeiro a respeitar a individualidade sympathica do chefe de VV. Exs., mas isso, não impede que eu diga que desde o tempo da propaganda elle tenha errado e muitas vezes, sempre protestando eu; e isso mesmo quando tive a honra de ser seu companheiro durante annos, na Commissão Permanente do Partido, com Raphael de Barros, Cerqueira Cesar e João Baptista de Mello Oliveira.

O Sr. PEDRO DE TOLEDO — Então, V. Ex. sempre acertou ?

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Sob o genuino ponto de vista republicano creio que sim ; então era considerado jacobino por S. Ex. e pelo Sr. Francisco Glycerio porque advogava a intransigencia de principios.

Muitas vezes divergi da direcção que elle deu à politica, como, por exemplo, quando elle aconselhava conchavos e convenios, com partidos monarchicos, para obter a eleição de candidatos republicanos, doutrina que eu sempre combati. S. Ex. preferia votos e eleitores, eu preferia principios e convicções.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Eleição que o Sr. Campos Salles acceitou.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — E que eu defendi.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Divergi de sua orientação quando elle no Governo Provisorio, suppondo talvez seguir uma politica habil, cumulou de favores, a antigos monarchistas, ex-funcionarios imperiaes, titulares e politicos desprestigiados com o intuito de alliciar adeptos para a Republica entre os seus inimigos ; e entregou-lhe as posições politicas, diplomaticas e da direcção geral do paiz.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — E' o que se está dando agora.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Sempre entendi que essa politica só podia trazer máus elementos, porque os monarchistas sérios, que eram bons brasileiros, não se deixavam levar por esta corrupção.

Os republicanos deveriam procurar conquistar os monarchistas para as suas fileiras, como conquistaram os bons, dedicados e leaes companheiros que vieram reconhecer que esta fórmula de governo é a que melhor se pôde coadunar com o momento presente; mas deviam fazel-o, pela seriedade e lealdade com que executassem as suas bellas idéas de propaganda, e não entregando o governo do paiz a uma oligarchia que reproduz os erros do imperio.

O Sr. PAULA NOVAES — Os bons vêm naturalmente.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Foi justamente contra essa orientação corruptora do general Glycerio, de que tanto se vangloria, e por entender elle que devia imiscuir, e mais do que isso, tornar uma força predominante o militarismo, na nossa politica (*não apoiados e apoiados*) que me levantei. E principalmente contra a influencia do militar nas nossas lutas politicas, interferencia conde-

mnada pelo proprio marechal Floriano, que a censurava, como uma das principaes causas perturbadoras da paz na Republica, como delle ouvi mais de uma vez...

O Sr. ALBERTO SARMENTO — V. Ex. vai perfeitamente : foi revoltoso...

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Tem V. Ex. razão ; fui revoltoso desde 1870 até 15 de Novembro de 1889 ; continuei a sê-lo e sê-lo-hei, sempre que julgar ameaçada a Republica, quer seja pelos militares, quer seja por qualquer outro *elemento extranho*. Mas, continuando, direi que foi contra esse predominio militar que se levantaram os republicanos puros, e atiraram a luva de combate, e embora peiados pelo celebre regulamento eleitoral confeccionado então ; não lográmos a victoria mas salvámos os bons principios republicanos. E eu, continuando nessa norma de terror que sempre tive pela nefasta intervenção dos militares na politica do paiz, foi que escrevi a minha circular quando apresentado pelo partido historico de Santos a candidatura ao Congresso Constituinte, ao lado de Rangel Pestana, Julio de Mesquita, Americo Braziliense e outros republicanos historicos, circular que, dizem, tanto maguou o general Glycerio, porque nella, eu dizia que era triste, um companheiro das lutas civis, ter-se esquecido das

tradições democraticas e trocado sua modesta blusa de cidadão, para envergar a ridicula farda de general de brigada, dada por serviços eleitoraes.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Ridicula por que ?

O Sr. JULIO DE MESQUITA — Na opinião do orador.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Não vejo em que V. Ex. chame o ridiculo para uma coisa tão respeitavel.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — O documento era feito sob minha responsabilidade individual, tinha a minha assignatura, e eu vou justificar-o.

Sr. presidente, vou explicar ao meu illustre contendor, e á casa, por que reputei e continuo a julgar ridicula a farda de general de brigada ou de coronel, quando dada por serviços civis ou por quaesquer outros, que não sejam militares. S. Ex. o que diria, se depois de batalhas campaes, ou de victorias militares, o Congresso ou o poder executivo, decretasse aos commandantes das forças triumphantes, — as meias escarlates de conego, a mitra de bispo ou a borla e as insignias scientificas de doutor *in utroque jure* ou de bachareis em philosophia positiva ?

Como qualificariam VV. Exs. essa honraria ?

Não reputariam um disparate ridiculo ?

Mas não quero alongar-me nestas considerações.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Si é rícula a farda do nosso chefe, é também ridícula a do Dr. presidente do Estado, a do Dr. Bernardino de Campos e outros também generaes de brigada.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — V. Ex. não dá o direito de livre pensamento! O orador pensa assim.

O Sr. PRESIDENTE — Os nobres deputados devem deixar o orador proseguir.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Ahi está, Sr. presidente, a tolerancia republicana do nobre deputado; considera-me ainda revoltoso e apezar da amnistia, não quer dar-me quartel. (*Riso.*)

O Sr. ALBERTO SARMENTO — V. Ex. fez referencia pessoal a um, que attinge a outros.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — *Ipsa facto* attinge aos outros.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Nessa occasião eu me dirigi a todos os generaes de brigada: — general Campos Salles, general Alvim, a todos os generaes do Governo Provisorio; e enfim, o unico que melindrou-se foi o illustre chefe de Campinas.

O Sr. PEDRO DE TOLEDO — Agora, sim.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Citou sómente ha pouco o general Glycerio.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — E' uma expansão individual: V. Exs. sejam tolerantes.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Na minha circular que foi publicada em todos os jornaes de então, não especializava, referia-me a todos, repito. E eu venho de novo affirmar d'esta tribuna, que continuo a pensar contra a doutrina dos que asseveram que o maior galardão e mais alta recompensa na Republica, para o homem publico civil, são os galões de uma farda de general ou de qualquer outro titulo militar.

Não posso acceitar a doutrina que foi por tanto tempo applaudida pelos amigos da dictadura, e de que existe vestigio triste na nossa legislação, de haver o marechal Floriano, resolvido punir o grande talento, a grande individualidade de Ruy Barbosa, mandando arrancar-lhe os galões de general, que elle não recuzara por simples deferencia para com o marechal Deodoro.

E' justamente porque entendo que não deve prevalecer no systema republicano, como primeira recompensa, o galão para serviços civis e patrioticos, por assim pensar, e não querer reproduzida entre nós a *yankee-mania* das fardas; por combater o militarismo em politica, é que estive separado da politica do marechal Floriano Peixoto (*Muito bem*), embora elle comprehendesse, e confessasse, todos os

perigos e males de um exercito politico, porque significava, para elle e para todos, um exercito anarchico e indisciplinado (*Apoiados*).

E si me tenho transviado um pouco no correr desta discussão, levado pelos apartes apaixonados de V. Exs. (*não apoiados da minoria*), permittam-me que volte ao periodo em que se tratou da eleição do marechal Deodoro.

O Sr. EUGENIO EGAS — Este ponto é interessante.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Muito: o presidente da Republica fica a descoberto.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — O orador já declarou que está falando sob sua responsabilidade individual. Ouçam-no.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Estou aqui falando para mostrar a coherencia da nossa attitude, minha e de meus companheiros, que hoje apoiamos o governo civil da Republica e do Estado, e, falando em meu nome e em nome desses companheiros, sou logico e coherente, pois que sempre combatemos e combateremos o militarismo.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Que nós combatemos tambem.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — VV. Exs. procuram arvorar como bandeira de agrupamento essa sympathia pelas classes armadas, e constituir sua

principal força contra nós, os republicanos que não partilhamos desse modo de ver. Imaginam uma tradição de programma florianista militar; e tentam antipatrioticamente explorar os sentimentos das classes armadas contra todas as outras, que constituem o povo (*Muito bem*).

O Sr. PAULA NOVAES — Ter sympathias pelo exercito não quer dizer ser militarista.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Mas para demonstrar sympathia por alguém, não é necessario excitar odio contra outrem, e *A Republica* e o *Paiz*, não fazem outra coisa sinão insinuar a intervenção do chamado *elemento extranho* na actual lucta politica não só contra o governo civil, legitimo, mas até contra a integridade da patria.

VOZES DA MINORIA — Oh! Oh!

O Sr. JULIO DE MESQUITA — Apoiadissimo!

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Bastava esse simples facto, a ameaça da intervenção militar nos negocios publicos, para nós, nos levantarmos em defesa do poder civil e do povo a que pertencemos, e contra o qual se levantam SS. Exs. querendo illudil-o com um zelo pharizaico, que felizmente não engana (*Não apoiados. Apoiados*).

O Sr. JULIO DE MESQUITA — Apoiadissimo. Ou os nobres deputados declaram que a *Republica*

e o *Paiz* não são orgams de seu partido, ou concordam com o que lá se diz.

O Sr. PAULA NOVAES — São orgams republicanos.

O Sr. OSCAR DE ALMEIDA — O *Republica* é orgam official do partido.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — O jornal *Republica*, dirigido pelo chefe do partido da opposição, pedia que os soldados não embarcassem para Canudos, e os soldados embarcaram dando vivas ao Dr. Prudente de Moraes!

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Mas levavam ao peito a medalha de Floriano Peixoto!

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Facto que deve ser considerado irregular, e acto de indisciplina: os uniformes militares com todos os seus adornos são determinados por lei.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — O partido de V. Ex., pelos seus jornaes, explora o elemento militar, mas elle não obedece a VV. Exs.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Não apoiado!

O Sr. PAULA NOVAES — Defende os militares.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — O *Estado de S. Paulo* aconselhou que se rasgasse a constituição e ninguem a rasgou.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — Não apoiado!
O que o *Estado de S. Paulo* aconselhou foi que

se declarasse o estado de sitio, que é medida constitucional.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Medidas extremas foram aconselhadas pelo *Estado*.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — O estado de sitio é uma medida legal.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — De que não havia necessidade.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — V. Ex. nega que o caso de Canudos tem a importancia que VV. Exs. dizem que tem?

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Continuamos a dizer que tem.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — Pois então...

O Sr. PRESIDENTE — Quem está com a palavra é o Sr. Miranda Azevedo.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Vejo, Sr. presidente, que a intolerancia de ouvir duras verdades...

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Não temos medo da verdade.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — ...faz com que antigos batalhadores, que hontem se esgrimiam a favor do governo, manifestando-se sempre contra as boas normas republicanas, que eu daqui pedia, não queriam ouvir mais algumas considerações para justificar a minha coherencia, a minha qualidade de velho republicano batalhador...

O Sr. EUGENIO EGAS — Desde 1870.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — ...do tempo mesmo em que aquelles que hoje, com um sorriso desdenhoso, procuram olhar para este valle de lagrimas, eram ainda jovens de mais para combater, e viviam á sombra de conselheiros e altos funcionarios monarchistas, dos quaes eram pupillos ou protegidos, verdade é, que nem sempre gratos.

Não, Sr. presidente, eu não entrei pela primeira janella aberta que encontrei, mas pelo portico largo e elevado do programma republicano que sempre defendi com amor e dedicação! (*Muito bem.*) Até hoje, minha posição na Republica tem sido de combates e de sacrificios (*muito bem*), a que tenho, embora modesta, não me veio por herança, alliança ou protecção de chefes, conquistei-a nas luctas da propaganda, na imprensa e na tribuna e não por *gracia de la andante caballeria*.

Por pouco tempo, quando occupei uma posição, com responsabilidade de governo, ainda ahi eu era o representante das idéas mais genuinas do partido republicano; era o representante directo dos companheiros mais radicaes, até o golpe de Estado de Deodoro, que trouxe a confusão aos espiritos e cuja maior responsabilidade não lhe cabe. E estou convicto que a historia imparcial ha de

illucidar e apontar o mais culpado, de modo positivo e em breve tempo.

Mas, continuando, direi que na ocasião em que se levantou a candidatura militar do marechal Deodoro, a qual não só o general Glycerio como todos os membros do governo provisório sustentavam, dizendo ser *até um delicto pensar em outra candidatura*: fui eu um dos que sempre combateu essa idéa, pedindo ao povo republicano que se lembrasse de uma candidatura civil, e se fizesse uma consulta prévia á nação; utopia que vi partilhada pelo grande Aristides Lobo, o meu inseparavel companheiro e amigo de propaganda.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — O presidente da Republica pensava nessa ocasião que a candidatura viavel era a delle.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — E não estava isolado; V. Ex. conhece o resultado do escrutinio; mas posso ainda appellar para testemunhos insuspeitos. Depois que se deu a divergencia no seio dos membros da Constituinte, em que foi levantada a candidatura de Prudente de Moraes, de quem aliás já estava separado por causa de sua politica, aqui no governo do Estado; eu, coherente como sou neste momento, sem paixão pessoal, tendo em vista o ideal republicano, pensei que devia apoiar sua candidatura civil. Julguei que nas minhas

forças devia dar todo o prestigio, a esse representante genuino do elemento civil e republicano historico, e trabalhei com antigos companheiros de propaganda, para que elle fosse apoiado pelo exercito e armada nacional, cujas funcções são a defesa da patria contra o estrangeiro, e não de occupar-se com questões partidarias de politica interna.

Não quero descer a detalhes, sr. presidente. Mas, em todo o caso não me furto ao desejo de trazer para aqui um depoimento, que deve ser registrado para esclarecimento historico. No periodo culminante da apresentação da candidatura do Dr. Prudente de Moraes, pela iniciativa da deputação mineira, achava-me no Rio de Janeiro. E ahi, no foco ardente em que viviamos, não podia ser indifferente, como republicano e patriota, a influencia dos factos e das paixões em lucta. Relacionado intimamente, com grande numero dos mais eminentes membros do Congresso, e com outros cidadãos civis e militares companheiros da propaganda, tambem agia — em favor da candidatura civil, do Dr. Prudente de Moraes. Assisti ás reuniões de republicanos militares e civis, e pude declarar ao general Campos Salles, qual a resolução do exercito e da armada — de sustentar o presidente eleito pelo Congresso, fosse elle qual fosse ; isso na vespera da eleição presidencial. Conservo entre

meus documentos, as cópias das cartas que do Rio dirigi á dois illustres amigos, notaveis por seu saber e character, que faziam parte da representação paulista — concitando-os a irem votar no Dr. Prudente de Moraes — esses honrados patriotas ahi estão vivos, e pôdem confessar minha proposição : são os Drs. Rangel Pestana e Luiz Barreto.

Não desejo abusar da benevolencia da casa, nem reviver sentimentos e paixões ; por isso não analysarei o que foi o periodo do governo do marechal Deodoro até o golpe de Estado de 3 de Novembro.

Cumpra porém que se diga com verdade, que nesta Camara, a primeira impressão, a impressão que talvez pesasse fundo sobre o meu espirito até o fim, mas que outros mais lucidos viram melhor do que eu, foi que essa medida violenta tinha sido tomada em defesa da salvação da Republica, contra machinações de inimigos das instituições, e principalmente pela anarchia e paixões más que dominavam entre os membros do Congresso, contra o presidente da Republica, que ameaçavam conflagrar toda a familia brasileira.

E foi nesse sentido que accetámos todos o acto dictatorial de 3 de Novembro, embora em principio nem um só sancionasse essa doutrina de violencia contra a lei e a liberdade. E não é

fôra de proposito, a recordação historica contemporanea, que affirma: ter o proprio Marechal Floriano Peixoto concordado com esse acto, na entrevista que antes teve com o chefe do poder executivo. A phrase bem caracteristica com que synthetizava a sua adhesão ao Generallissimo, ficou registrada na historia; nunca foi e nem pode ser contestada. Só depois, uns mais bem informados, outros mais bem orientados, outros por considerações que não é occasião de discutir, divergiram da attitude geral, e manifestaram-se contra o governo.

Assim dividiu-se o partido republicano, o partido que tinha dado ao Estado de S. Paulo a Constituição mais liberal e mais perfeita de todo o Brazil.

E nessa occasião, devemos dizel-o, nenhuma das duas parcialidades, ao separar-se, atirou á outra a pécha de impatriotica e pouco republicana.

O Sr. PEDRO DE TOLEDO — Nem agora.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Todos podemos errar, podemos mesmo estar errados no momento actual. Sejamos tolerantes uns para com os outros e não queiramos enxergar no movel das nossas acções interesses pequeninos ou inconfessaveis, reputando-se cada um o unico honrado, leal e digno; a divergencia de idéas é apenas o meio

mais seguro de que se serve o progresso, para a conquista da felicidade dos povos.

Seguindo a mesma orientação de sempre, aqui me mantive durante os outros periodos agitados, depois da organização deste Estado, cujos successos não quero analysar, pelos motivos a que alludi ha pouco. E por isso passarei de novo á politica federal, reatando tanto quanto possível, o fio desta desconnexa narração, por fraqueza do orador e por culpa dos frequentes apartes dos meus illustres collegas.

Lendo o trecho da *Carta aos Paulistas*, do general Glycerio, em que S. Ex. se refere á politica do marechal Floriano, dizendo estar a ella indissolvelmente ligado, eu pergunto, com o meu direito de republicano e de paulista, a que periodo, a que phase de governo do marechal, está S. Ex. ligado e quaes os actos daquelle com que foi solidario ?

Porque devemos discriminar no periodo historico do governo do marechal Floriano, duas phases muito distinctas: a primeira, embora impropriamente chamada da legalidade, foi realmente revolucionaria e peccou por illogica por não ter querido o marechal Floriano fazer as deposições dos presidentes e governadores por decreto, preferindo outros meios, menos leaes e mais tortuosos,

intervindo criminosamente nos Estados, e a pretexto de restabelecer a constituição violada, violando vinte constituições tão respeitáveis e legítimas como a de 24 de Fevereiro.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — Menos em São Paulo. Aqui nos atrapalhou.

O Sr. PEREIRA DOS SANTOS — Agora é que se diz isso.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Tomo nota do aparte insuspeito do honrado deputado. Quando se deu o facto aqui, fui a 24 de Novembro, em character official, conferenciar com o marechal Floriano e declarar-lhe que : — si a sua politica e o seu programma eram de mudar a situação dominante no Estado, nós depunhamos em suas mãos os poderes do governo e do Congresso do Estado. Accrescentei que para esse fim fôra expressamente ao Rio, pois o nosso intuito principal, em que eramos solidarios, — presidente e congressistas, consistia em impedir que a luta civil ensanguentasse o seio do nosso Estado. Nenhum de nós tinha apêgo ás posições culminantes de poder, pelo amor do poder, mas a exerciamos por patriotismo e dever civico de bons republicanos. Insisti por uma resposta franca e categorica, em virtude da qual telegraphiei officialmente ao presidente do Estado.

E esse testemunho que já existe publicado, em vida e conhecimento do marechal Floriano, não foi e não pôde ser contestado...

O Sr. JULIO DE MESQUITA — E que respondeu elle ?

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Disse que era o governo da legalidade e absolutamente não admittia as deposições dos governadores ; referiu-me até o que occorrêra na vespera com o Dr. Portella e assegurou-me, sob sua palavra de honra, que providenciaria neste sentido, telegraphando de novo ao commandante do districto, bem que já o tivesse feito. Estudando a situação do governo do honrado Dr. Americo Braziliense, referiu-se a sua pessoa com os conceitos de que era digno aquelle illustre patriota, e em duas conferencias posteriores, que com elle tive, manteve a mesma attitude e se firmou a mesma norma de conducta. A' ultima conferencia assistiu, a meu convite, o nosso illustre correligionario Dr. Rangel Pestana que pôde servir de testemunha da verdade que profiro, e cuja palavra merece fé e respeito de todos nós (*Apoiados da minoria e da maioria*).

O Sr. JULIO DE MESQUITA — Portanto está certo ; nós é que eramos revolucionarios...

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Acredito que elle estava correcto e era sincero ; e só foi mais tarde

arrastado á fatal politica de deposições pelas insinuações de Custodio de Mello, José Simeão, Serzedello e outros imprudentes e irreflectidos conselheiros.

Mas, digo eu, Sr. presidente, qual a politica do marechal Floriano a que esteve o Sr. Glycerio ligado indissolvelmente? Esteve ligado ao periodo das deposições a que elle diz, na sua *Carta aos Paulistas*, sempre se oppoz? Aceitou elle por ventura, essa politica que procurou fazer da legalidade, ferindo a legalidade, instrumentos de governos facciosos nos Estados? A sua palavra assegura que não; elle preferia appellar para o veredictum das urnas.

E mais positivo, S. Ex. nos garante que contra a propria deposição do Dr. Americo Braziliense, se manifestou. E sinto que não esteja aqui um dos distinctos membros da minoria, para dizer-lhe que tambem leio por entrelinhas, e para confessar-lhe que não acredito muito na sinceridade do general Glycerio nessa declaração; porque, sabendo nós de sua alta prepotencia nas decisões, da força, que revestia suas deliberações, do respeito com que eram as mesmas acatadas, si elle quizesse, com vontade firme, seria o Dr. Americo Braziliense substituido pelo vice-presidente, normalmente; demais, sei positivamente, que S. Ex. presidiu reuniões sediciosas.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — O Estado não queria.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Não desejo insistir neste assumpto agora, nem analysar o character dessa manifestação do Estado. Peço porém ao meu illustre apartista, que converse com o nosso distincto collega, que ahí está a seu lado o Exm. Dr. Paula Novaes, e elle póde informar-lhe *ex propria auctoritate*, como se arranjavam essas manifestações telegraphicas. Mas não é esse o ponto ora em discussão, e sim o que affirma S. Ex. relativamente ao seu voto contrario no momento, de hostilidade para com o governo do Dr. Americo Braziliense.

Vemos pois, que, acceitando a sua declaração, a politica do general Glycerio não póde ser a do marechal Floriano na primeira phase. Passemos a analysar a segunda: a politica de resistencia, a politica da autoridade resistindo á revolta da armada. E para não fatigar mais a esta Camara, deixo de lado, todo o periodo que vai até a essa época, em que os attritos do Congresso, com o marechal Floriano foram muitos e bem pronunciados.

E mesmo vencida a revolta, a luta travada entre o executivo e o Congresso a proposito do adiamento de suas sessões durante o estado de sitio, não foi mysterio para o publico. Vozes in-

sistentes e até bem autorizadas chegaram a falar em novo golpe de Estado e segunda dissolução do Congresso. Já havia até listas dos futuros ministros, e se quizerem informações mais seguras e amplas, poderão pedil-as ao Sr. Cassiano do Nascimento ou ao Sr. Barbosa Lima.

E sabem todos, que, quem dirigia as discussões e votações, quem era o *leader*,—era o Sr. Francisco Glycerio ; basta percorrer as paginas dos *Annaes do Congresso* para encontrar-se a documentação eloquente desse procedimento.

Para mostrar a V. Ex., Sr. presidente, como eu sou franco e leal, e que, quando reconheço um erro, sou o primeiro a confessal-o *coram populo*, declaro que no primeiro momento em que se levantou a esquadra, contra a ameaça de prolongar-se no governo uma dictadura militar, sympathisei francamente com esse protesto armado e republicano, sentindo não ter nessa occasião não um, porém muitos exercitos, para reforçal-a. É embora com o meu illustre companheiro e amigo intimo o denodado republicano, Rodolpho Miranda, não confiassemos muito na direcção do chefe de momento Custodio de Mello, trabalhámos a seu favor, aqui, enquanto não duvidamos da pureza patriotica de suas intenções e de sua fidelidade ás idéas republicanas.

Estavamos intimamente convictos da legitimidade da Revolução, e esta nossa convicção está plenamente justificada pela documentação historica, pelo proprio testemunho do seu Secretario da Fazenda, o dr. Felisbello Freire. Sabe V. Ex. Sr. presidente, que aquelle distincto correigionario disse que, si não fosse a revolução da armada, o marechal não abandonaria o poder. A serie de artigos, que publicou nesse sentido ficou sem resposta. Este factó não é só attestado pelo Dr. Felisbello Freire, mas tambem por outros que consideram hoje a memoria de Floriano Peixoto como um patrimonio seu, e aliás sobre os quaes, aquelle patriota manifestava conceitos bem pouco lisongeiros, e até sem a sua reserva habitual.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — E' perfeitamente contestavel essa asseveração do Dr. Felisbello Freire.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Mas são documentos dignos da maior fé que o attestam, e revestidos da auctoridade de um dos mais intimos e assiduos collaboradores do marechal Floriano Peixoto no agitado periodo revolucionario da armada. Assevera S. Ex., e não é o unico, que a divergencia entre elle e o marechal Floriano, originou-se por causa da eleição presidencial e da necessidade de expedir-se instrucções para que ella se effectuasse.

Essa opinião era crença arraigada entre todos, inclusive no animo de alguns auxiliares mais dedicados ao marechal Floriano, que m'o asseveraram, e ha factos positivos em seu apoio.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — Não teem valor.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — E' negocio para ser discutido em outra occasião, e que não tem agora maior applicação a these que discuto, que é a divergencia profunda que sempre houve entre a politica do marechal Floriano Peixoto e o proceder do Sr. Francisco Glycerio.

Continuarei, Sr. presidente, pedindo desculpa por ser obrigado frequentemente a interromper minha narração.

No desdobrar dos acontecimentos, perante a politica do marechal Floriano, quando se foram accentuando mais os factos, e quando a desorientação da revolta degenerou em desordem e anarchia, pois que do character monarchista, não me temia eu, a minha attitude mudou, e separei-me completamente d'ella.

E não preciso insistir, por que escrupulos de dignidade e de character, perfeitamente comprehensíveis, para qualquer que tenha a mais fraca noção de delicadeza de sentimentos, eu não fui então, montar guarda ao governo do marechal, ou levar-lhe os meus protestos de adhesão; e continuasse a pro-

testar mesmo contra certas arbitrariedades e crueldades, praticadas, umas em seu nome, outras sem sua annuência, quaes os tristes dramas de Santa Catharina, do Paraná e de Pernambuco.

A minha posição foi sempre clara e franca, a ponto de, quando fui designado nesse periodo, por exclusiva espontaneidade do marechal Floriano, para uma commissão scientifica na Europa, antes de acceita-la, declarar ao então ministro do interior, o Sr. Cassiano do Nascimento, que não pôde ser suspeito á minoria, e cujo testemunho invoco, devendo estar archivado tambem o meu officio, qual a minha situação no Estado de S. Paulo, de opposicionista á politica do Estado e á do governo do marechal Floriano.

Pois bem, si eu me batia contra a politica do marechal, não conspirava contra elle, deslealmente, como aquelles que tinham vedada a sua entrada no palacio do governo, e não podiam retirar-se da capital, não conseguindo sequer audiencia do vice-presidente.

A prova é que, quando, depois de acceitar a commissão, ao despedir-me do marechal, na conferencia que com elle tive, estudando os homens e os acontecimentos, disse-me elle que não queixava-se do velho republicano, que se manifestava abertamente contra seus actos, mas que desconfiava

de outros que procuravam, acobertados com o manto da amizade, conspirar dentro dos proprios aquarte-
lamentos, contra a sua influencia e sua honra. E
nessa occasião ainda repetiu-me sem rebuço, juizos
muito pouco agradaveis sobre individuos que hoje
se intitulam amigos e herdeiros testamentarios da
sua politica!

Mas, Sr. presidente, não querendo descer a
essas pequenas questões, tomando os factos em si,
vemos completa quebra de solidariedade do sr. Gly-
cerio com a politica do marechal Floriano nesse
periodo.

Sabemos que o marechal Floriano, não levado
pelo futil desejo de permanecer no poder, mas sim
pelos impulsos do seu patriotismo, por julgar talvez
necessaria a sua permanencia á frente do exercito
para salvar a Republica, acreditava conveniente pro-
longar o seu mandato. Esta é a verdade, esta era
a sua convicção, no momento, e contra a execução
desse plano procurava o general Glycerio comba-
tel-o, preparando elementos de organização eleitoral
para a proxima eleição presidencial; mas isso cau-
telosamente e só depois que sentiu-se apoiado pelo
governador do Rio de Janeiro, Dr. Porciuncula e,
segundo se diz, pelo de Pernambuco que agora é
tambem um devotado amigo da memoria de Flo-
riano, depois que foi chamado á ordem em tempo,

pelo general Leite de Castro a quem entregou até o commando da força policial do estado, para dar arrhas que lhe exigiram de sua fidelidade!

O Sr. PEDRO DE TOLEDO — V. Ex. critica esse procedimento do general Glycerio!

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Absolutamente não. Pois, si sou contrario ao regimen militar e das dictaduras. Eu creio que estou sendo muito obscuro, muito infeliz, pois o que pretendo demonstrar é outra coisa.

O Sr. PEDRO DE TOLEDO — V. Ex. quer mostrar que o general Glycerio não acompanhou sempre o marechal Floriano.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — E' isso mesmo.

O Sr. PEDRO DE TOLEDO — Pois eu acho que acompanhou.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Affirmo, á vista dos factos, que o procedimento d'elle não prova solidariedade.

Só posso comprehender essa solidariedade, se VV. Exs. me demonstrarem que duas linhas divergentes são parallelas, ou encontrarem commumidade de vistas, de orientação e de plano no angulo nullo, que no infinito formam as mesmas parallelas.

O Sr. PEDRO DE TOLEDO — Não queremos interromper V. Ex. e por isso não insisto.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — O general Glycerio declara que foi solidario com a politica do marechal, mas os seus actos estão em contradicção com as suas palavras; essa é a verdade clara e inconcussa que decorre da mais superficial analyse da nossa historia politica. E foi justamente por essa divergencia mais accentuada, nesse momento politico de nossa historia, que o Sr. Francisco Glycerio fundou o Partido Republicano Federal, para contrariar a politica do Marechal de Ferro, e hoje se apregôa seu continuador e *indissoluvelmente ligado a elle!*

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Com relação á eleição do primeiro presidente civil.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Mas continuando, no desenvolvimento de minhas idéas, sustento que a politica de S. Ex. e sua influencia na perturbação da familia republicana tem sido clara.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Isso não, não ha perturbação, protesto!

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Pois eu o confirmo, e só terei difficuldade na escolha dos factos, tantos e tão notorios são elles, quer em S. Paulo quer em outros Estados.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — E nós continuamos a protestar.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — E' o clama, clama

itaque ne cesses, porém, simples declamação contra a material evidencia dos factos.

A posição politica do Sr. Glycerio, contrária ás normas republicanas, vem desde o governo provisorio, como já demonstrei. Da sua conducta affastando-se da orientação republicana genuina dão testemunhos os diversos attritos que teve S. Ex. com um dos mais puros republicanos que temos tido: o dr. Aristides Lobo. E sabe V. Ex. disso, porque pertence á historia...

O Sr. PEREIRA DOS SANTOS — A' historia de V. Ex.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — ...á historia verdadeira e imparcial; que si esses attritos poderiam ser attribuidos até certo ponto ao sentimento exaltado, ao genio um tanto indomavel de Aristides Lobo, não podem ter explicação relativamente a outros republicanos conhecidos pela sua cordura e calma como Benjamin Constant e o Dr. Rangel Pestana.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — Muito bem. E que agora está ao lado do General Glycerio.

O Sr. PEREIRA DOS SANTOS — Não tem o direito de censurar o procedimento desse nosso immaculado chefe?

O Sr. JULIO DE MESQUITA — Como censurar? Acho o seu procedimento muito correcto, extraor-

dinariamente correcto. O dr. Rangel Pestana mostra que foi sempre o homem da linha recta (*Muito bem*).

Os Srs. PEREIRA DOS SANTOS E OUTROS — Apoiado.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — E' o que elle foi sempre : o homem da linha recta.

O Sr. PAULA NOVAES — Não contesto isso.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — VV. Exs., quando o facto lhes é agradável acham que voltar a antigas posições é uma virtude ; emquanto que, noutros casos, ver as coisas por fórma diversa se torna um crime. VV. Exs. deviam ser mais tolerantes, mais republicanos (*oh ! oh ! da minoria*), e se acham dever levar esse sentimento até ao jacobinismo vermelho, cuja intolerancia não admite sinão um só pensar e sentir, devem ao menos nas questões de razão ser mais calmos e pensar na attitude que devem tomar perante os acontecimentos...

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Agradecemos o conselho.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — ... porque não podemos deixar de reconhecer até nos monarchistas sinceros, o desejo de servirem a patria que tambem é a d'elles ! (*Muito bem*.)

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Já reconhecemos os bons serviços dos adhesistas sinceros n2s



pessoas de Rubião Junior, Alvaro Carvalho e outros.

O Sr. PAULA NOVAES — Ha sinceridade de monarchistas, impossivel. V. Ex. conhece o facto de muitos monarchistas assignarem nossa Constituição e depois voltarem a seu acampamento. Contra estes é que nos revoltamos. (*Apoiados.*)

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — *De minimis non curat praxtor.* E' questão a ser ventilada no terreno das leis, é questão até policial (*Riso*).

O Sr. PAULO NOVAES — Policial?

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Sim. V. Ex., como jurisconsulto que é, deve saber que é crime conspirar contra a actual fôrma de governo.

Mas direi, Sr. presidente, que quem procurou impôr ao paiz o predomínio militar e perturbar o partido republicano na sua boa organização, foi o general Glycerio que contrariou a todos os seus companheiros em mais de uma occasião; e referindo-me a attritos e divergencias de S. Ex., com outros eminentes chefes republicanos, posso asseverar que dellas existem provas publicas e particulares, escriptas que podem ser exhibidas; se m'o contestarem, agora ou em qualquer época.

O Sr. PEREIRA DOS SANTOS — E' um depoimento de V. Ex. contrario á verdade dos factos.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Devo declarar

uma vez por todas que por mais que me mereça, e ao illustre deputado, o Sr. Francisco Glycerio, não o reputo melhor republicano nem melhor orientado que eu. Desculpem esta immodestia; e fique assignalado, que quando S. Ex. se declarou republicano já me achou na linha de combate ao lado de Saldanha Marinho, de Quintino, de Farnése, de Bittencourt Sampaio, de Aristides Lobo e de outros devotados companheiros. S. Ex. tem sido mais feliz para occupar posições na Republica, não offerece porém maiores sacrificios na propaganda; eis tudo. Verdade é, que tambem póde allegar, sem temor de contestação, o grande merito de ter dissolvido o antigo partido republicano historico aqui em S. Paulo.

O Sr. EUGENIO EGAS — Eu sou testemunha: ouvi o general Glycerio dissolver o partido republicano.

O Sr. PEREIRA DOS SANTOS — E' preciso comprehender os factos: elle dizia que todos os partidos estavam dissolvidos para formarem o grande partido republicano brasileiro.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — A verdade é que o partido republicano foi dissolvido pelo Sr. Francisco Glycerio.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Em todas as tentativas de aggrêmiações opposicionistas republicanas

que se levantavam com algum prestigio, viamos sempre o general Glycerio, com louvavel intuito talvez, no seu ponto de vista, intervindo para augmentar as fleiras do seu partido, perturbando essas arregimentações.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — A pureza das intenções não se discute.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Só, está sendo atacada a pessoa do general Glycerio.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — Ninguem o offendeu. Vi discutir e não offender. E se encontram alguma offensa, podemos declarar que não é essa a intenção.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Já, declarei que ao general Glycerio me ligam laços de estreita sympathia pelas recordações que tenho dos bons tempos da propaganda, e sou incapaz de dirigir-lhe qualquer doesto, ou descer a invectivas pessoas contra elle como contra qualquer outro adversario. E fique claro, que por estar em ponto opposto, a S. Ex. não deixo de consagrar-lhe desinteressada amizade.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — Um homem que tem representado um papel eminente na politica, como o general Glycerio, deve ser discutido.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Já que desagrado aos nobres deputados, vou falar por symbolos.

O Sr. PEDRO DE TOLEDO.—V. Ex. dá um symbolo e eu dou outro.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — Ah! a questão tomará character pessoal.

O Sr. PEDRO DE TOLEDO — Fica completa.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Para não me servir do nome do distincto chefe que hoje commanda a minoria; para que a repetição do seu nome não possa causar extranheza, eu me dirigirei a elle com todo o respeito, chamando-o, por exemplo, o chefe espirital...

O Sr. PEDRO DE TOLEDO — Chefe espirital é com V. Ex.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Então, papa da opposição.

O Sr. PEDRO DE TOLEDO — Papa tambem é com VV. Exs., que citam Leão XIII.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — Se VV. Exs. dizem que não tem poder temporal, é papa! (*Riso.*)

O Sr. PEDRO DE TOLEDO.— Se VV. Exs. levam a questão para o ridiculo é peor.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Continuando, Sr. presidente, eu direi que ainda ha pouco tempo, quando a opposição deste Estado procurava aggre-miar-se e preparava-se para a lucta no terreno dos

princípios, no terreno republicano, e dispunha de elementos valiosos, quer na capital, quer no interior, nós vimos qual foi a acção desse poder que tanto tem dominado o governo republicano.

Ainda ha poucos mezes manifestou-se essa influencia na organização intima do partido oppo-
sicionista deste Estado, procurando alliciar uns e dividir outros, facto de que este Congresso foi testemunha e cujo autor foi o Sr. Francisco Glycerio. Já lhe prestei a devida homenagem, mas não posso deixar de assignalar o seu espirito altamente perturbador do partido republicano, na vida normal da nação.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — Não fala só delle.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Não digo só delle.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Protestamos é contra o ridiculo que se lhe quer lançar (*Oh! oh! da maioria*).

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Como ridiculo?

O Sr. PEDRO DE TOLEDO — Chamar-lhe *papa*. Porque então, se nós quizessemos, chamariamos a alguem *conselheiro*.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Pois eu retiro o termo, uma vez que VV. Exs. se julgam offendidos.

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Se V. Ex. retira o *papa*, nós retiramos o *conselheiro*.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Pois eu retiro o *papa*, retiro *poder temporal, espiritual*, retiro tudo quanto os nobres deputados quizerem (*riso*), porque não quiz offender, mas peço tolerancia para poder concluir.

O Sr. PRESIDENTE — Peço ao orador que se dirija á mesa, que é o melhor modo de encaminhar a discussão.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — E' o que vou fazer.

Portanto, continuando o desalinhavo destas minhas palavras — infelicidade minha: talvez questão de atmospha, de vento dominante (*riso*) — direi que se attribue até certo ponto esta desorientação ou falta de organização dos nossos partidos á falta de civismo ou de estímulo do eleitorado, por dominar um só partido. Já em outra occasião analysei os inconvenientes desse mal, que julgo augmentado ainda pelo systema presidencialista, que tira em grande parte o interesse das luctas eleitoraes e até dos debates parlamentares.

E' por isso que, quando apresentei aqui o requerimento de informações sobre a ida do illustre presidente do Estado, ao Rio de Janeiro, procurei

nas considerações que fiz, pedir que os partidos surgissem dessa divergencia. E por essa razão não considerei que fosse um serviço a viagem do illustre chefe do Estado, no intuito de harmonizar os grupos divergentes, porque era mais consentaneo com a nossa bôa organização politica a scisão do grande partido, para organização de dois outros.

E é ainda por isso que, muito longe de ser infenso ao meu illustre companheiro de propaganda, general Glycerio, por ter produzido a scisão do partido republicano federal, faço-lhe os maiores elogios, os maiores louvores de que elle é digno. E só elle, com o seu prestigio, com a sua força e suas antigas relações, era capaz de levantar um nucleo poderoso contra as tentações do poder, organizando dois partidos republicanos fortes e respeitaveis.

O Sr. EUGENIO EGAS — E' um grande serviço.

O Sr. JULIO DE MESQUITA — Neste ponto, apoiado.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Já vê V. Ex., Sr. presidente, que longe de eu ter pelo illustre companheiro de propaganda, e até de commissão permanente, motivos de queixa, não tenho sinão que dar-lhe os meus emboras. E ainda agora, partindo para a lucta, S. Ex. fazia um appello para a formação desses dois partidos, promettendo não

embaraçar absolutamente que isso se desse como fizera anteriormente. De facto antes dos successos do Rio, quando ainda falava S. Ex., como o chefe visível e invisível do partido Republicano Federal, em intima e amistosa conversa assignalou e concordou commigo no mal da existencia de um só partido. Ahí, ainda trocámos boas e sinceras expansões, sobre a necessidade de outra aggremação republicana forte, opposicionista, julgando S. Ex. que se eu o conseguisse seria um bom serviço. Ainda uma vez S. Ex. é mais feliz que eu, e logra realizar em um momento o que não consegui em diversas tentativas; meus parabens.

VV. Exs. podem ter um testemunho do quanto me esforcei para organizar partido de opposição, como acabo de narrar, em facto conhecido. Foi na reunião de 31 de Março em que assumimos a nossa posição, antes de se saber com quem estava a victoria, e que procurámos fundar um partido forte de opposição republicana.

O Sr. CARLOS VILLALVA — Essa é a verdade.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Portanto, Sr. presidente, vindo hoje mais uma vez definir com franqueza a minha posição, venho tambem com a devida venia dos membros da minoria, extranhar que os actos que hontem elles nos censuravam, accusando-nos de querermos fazer parlamentarismo, estejam

hoje servindo de norma da conducta de SS. Exs. nos debates desta camara.

O anno passado accusavam-me de intransigente, e opposicionista systematico quando eu pedia que se discriminassem as verbas de saneamento, de outras obras publicas, de reorganização de serviços, acoimando-me de perturbador dos trabalhos da camara e da administração superior do Estado. Entretanto SS. Exs. veem agora fazer o mesmo, em momento muito mais critico para a nossa vida social.

Nas proprias emendas apresentadas pela minoria está a confirmação de que ella faz opposição por prazer de fazel-a; é coisa que nunca fizemos na antiga minoria, porque sempre que nesta casa se tratou de questões de serviço publico, ou de principios republicanos, estivemos sempre ao lado da maioria (*Apoiados*). E eu pediria a bem da justiça, que se registrasse essa differença de norma de conducta (*Muito bem*).

Sempre frisámos d'aquella bancada, que não nos dividiam odios nem despeitos, mais apenas uma questão de principios, e talvez de escrupulos de dignidade, porque não queriamos que se dissesse que nos approximavamos do poder á procura de posições. Foi por esse motivo que nos mantivemos firmes naquella bancada.

Aqui se fizeram allusões a elementos máus que dizem cercar o governo; naturalmente quizeram referir-se a antigos opposicionistas, republicanos e monarchistas, que agora hypothecam-lhe o seu apoio em todo o terreno. E se alludiu especialmente a politicos do antigo regimen, que têm perturbado a vida da Republica, citando-se o Sr. Gaspar Martins como um nome odioso.

Preciso antes do mais, fazer notar que a opposição estigmatiza aquelles que, como eu, com lealdade declaram ter sympathizado com a revolta em sua primeira phase e não se lembram que do seu lado estão alguns que não só adheriram, como prepararam o golpe de Estado; outros que acompanharam até o fim a revolta de Setembro; e muitos outros, que ainda se estorcem de despeito, por não terem impedido a posse do actual presidente da Republica; porque accusam-no, do grande crime, de não vêr vencidos e vencedores, mas só brasileiros, na distribuição da justiça e na execução das leis.

E direi que esses factos, que podem servir de pecha aos que hoje estão ao lado do governo civil, são antes actos de benemerencia que aureolam de modo glorioso o nome do digno presidente da Republica. Pois é preciso que diga-se que o maior serviço que pôde ter prestado á Republica e á Pa-

tria o Dr. Prudente de Moraes é a pacificação do Rio Grande do Sul, e a restituição á communhão nacional de patriotas e cidadãos notaveis pelo seu serviço e talento como Silva Tavares, Demetrio Ribeiro, Cassal, Silveira Martins e tantos outros. E por falar em Silveira Martins, que foi aqui apresentado como um monstro, ouçam os illustres collegas da minoria.

Eis as palavras com que o Sr. Julio de Castilhos recebia Gaspar Martins, quando este voltava do exilio, e cumpre-nos declarar que elle é de facto, um dos vultos mais eminentes da nossa historia politica. Elle dizia na sessão do Centro Republicano de Porto Alegre em 1892: — (*Lê*)

« Gaspar Martins, esse homem de excepçionaes qualidades, o maior estadista que nos legou o imperio, o brasileiro illustre, o rio-grandense de serviços que tanto honrou sua terra...»

O Sr. JULIO DE MESQUITA — Póde accrescentar que esteve por um triz a fusão dos partidos dos Srs. Castilhos e Silveira Martins no Rio Grande.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Um dos desserviços e erros, ainda do general Glycerio, contra a causa republicana e contra a patria brasileira é não ter aproveitado as *qualidades excepçionaes*, as *qualidades raras*, desse grande talento, desse grande patriota.

Estou bem certo que, si Gaspar Martins fosse aproveitado devidamente pelo elemento republicano, só poderíamos ter colhido os melhores beneficios de sua experiencia. Os serviços de que eram capazes o seu grande coração e o seu vasto talento seriam incalculaveis e muito superiores a todos os males, que no dizer dos illustres deputados, tem elle causado (*Apoiados*).

O Sr. ALBERTO SARMENTO — Mas, como não foi aproveitado, só maleficios tem produzido.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Não é exacto. Porque não concorda com a nossa orientação politica, não temos o direito de irrogar a injuria de suppor que seus sentimentos não são de patriota.

O Sr. PEDRO DE TOLEDO — Chefe de sedição militar.

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Deodoro, Floriano Peixoto e Benjamim tambem foram chefes de sedição militar. Nós tambem estavamos promptos a conspirar pela Republica antes de 1889; o que não se fez, pela *excessiva prudencia* talvez, de alguns companheiros, entre os quaes o general Francisco Glycerio; possuo os documentos d'esse facto, que um dia publicarei (*Sensação*). E peço aos collegas que não me obriguem a dizer que entre os seus aliados têm companheiros que vieram a S. Paulo, preparar o golpe de Estado, que daqui saíram para

felicitar o general Deodoro, e que no dia seguinte se manifestaram com idéas contrarias, não por patriotismo, mas por interesse e conveniencias de campanario, e quiçá, por outros motivos de ordem menos digna.

Sr. presidente, o facto de tomar posição em uma lucta politica, o modo de pensar de cada um a respeito, não é coisa que deva ser arguida como injuria, tanto mais quando se entra nobremente na pugna até com o risco da vida.

O Sr. PEDRO DE TOLEDO — Como então? Ser chefe de uma insurreição que trouxe a desordem...

O Sr. MIRANDA AZEVEDO — Não respondo ao aparte, para não voltar ao assumpto já discutido. Sou d'aquelles que, durante o tempo da propaganda e ainda hoje, sempre pensei e penso que o militar, nos estados democraticos, não é uma massa informe, não é um automato que não pensa e não sente. Lido como é V. Ex., Sr. presidente, nos assumptos politicos, deve conhecer a doutrina democratica sustentada por Lieber na sua *Political Ethics*. Pois eu declaro que partilho da opinião desse publicista, e vou até sustentar com elle a *desobediencia dos militares contra as ordens illegaes*. Mas si o soldado republicano tem o direito de pensar, de agir, de collocar a consciencia acima das ordens illegaes,

contra os interesses da patria e da Republica, não tem entretanto o direito de vir com o armamento que lhe é fornecido pela nação, com a influencia de que dispõe pela sua posição official, immiscuir-se nas deliberações politicas do cidadão; e menos deixar de accudir á voz da auctoridade legitima que ordena-lhe a defesa da patria, por isso que o militar tem, na nossa constituição e nas nossas leis, privilegios. E' por isso que elle é cercado do prestigio que não tem qualquer civil, mas em troca desses privilegios e desse prestigio official nós queremos o seu completo afastamento das nossas luctas politicas (*apoiados*), e a sua abstenção absoluta nas discussões partidarias. Não podemos admittir sua influencia perturbadora nos comicios eleitoraes contra a manifestação livre de voto dos cidadãos desarmados (*Muito bem*).

Eu não nego ao militar o direito de intervir na politica como qualquer cidadão, não quero porém sua direcção autocratica e perniciosa, e é sob este ponto de vista, que combato e combatarei o militarismo.

Antes sustentar com franqueza esta doutrina, correndo todos os riscos, do que aproveitar-se de momentos angustiosos para a patria e insinuar ao soldado, que elle não deve correr para onde o chamam o dever e o patriotismo, porque é chefe

Handwritten notes:
 N. de A.
 Papatos -
 L. de A.
 V. de A.
 M. de A.
 Ch. de A.
 P. de A.
 C. de A.

Large handwritten signature:
 G. de A.

do Estado um individuo que não lhe é sympathico, fomentando assim a indisciplina e a desordem. E é isto que eu vejo sustentado em jornaes dirigidos por mentalidades, que se dizem guardas dos puros principios republicanos e não enxergam o perigo dessa arma que empregam. Ferem um dos pontos que com mais zelo defendia o marechal Floriano, a disciplina militar e o afastamento do exercito de luctas politicas, e continúam a dizer-se executores da politica d'aquelle!

E' justamente contra essa bajulação a moços inexperientes que, saindo da escola em que se revoltaram, vão para a Escola de Sargentos e para as fileiras do exercito levar os germens da indisciplina, que a opposição quer erigir em acto de patriotismo; é contra essa norma de conducta, que já chegou a armar um braço contra o chefe do Estado; é justamente contra essa força alliada ao poderoso chefe republicano, que eu me opponho, porque tambem receio que o seu braço forte não possa conter a multidão que o domina, a onda vermelha que o assoberba!

E' contra essa desorientação que o partido republicano a que estou filiado protesta; é contra essa campanha torpe de calumnias e diffamações que se levanta o paiz todo, sustentando o governo civil da Republica. (*Muito bem!*)

E para mostrar que não tomei parte no debate só por conveniencias de partido, tenho a honra de enviar á mesa algumas emendas ao orçamento.

VOZES — Muito bem! Muito bem!

(*O orador é felicitado pelos Srs. deputados presentes.*)

Vão á mesa as seguintes

EMENDAS

Accrescente-se onde convier:

Seja concedida a subvenção de 12:000\$000 annuaes á Policlínica desta cidade.

Sala das sessões, 9 de Julho de 1897. — *Miranda Azevedo, Pereira da Rocha, Eduardo Garcia, Herculano de Freitas, J. F. de Paula Novaes, Julio Mesquita, Siqueira Campos, A. M. Fontes Junior, Manuel Bento, Estevam Marcolino, Emygdio Piedade, Alexandre Coelho, Eugenio Egas, Malta Junior, Arnolpho Azevedo.*

Onde convier:

Concede-se a subvenção annual de 6 contos de réis ao Instituto Historico de S. Paulo.

Sala das sessões, 13 de Julho de 1897. — *Miranda Azevedo, Eduardo Garcia, Alexandre Coelho, Daniel Machado, Pereira da Rocha, Pereira dos Santos, Estevam Marcolino, Julio Mesquita, Siqueira Campos, Emygdio Piedade.*

Onde convier :

Concede-se a subvenção de 2 contos de réis annuaes á Sociedadde Humanitaria dos Empregados no Commercio.

Sala das sessões, 16 de Julho de 1897. — *Miranda Azevedo, Carlos Villalva, Eduardo Garcia.*

No titulo receita :

Ao art. ... Onde se lê « a contar da data do regulamento », diga-se « da data da primeira extracção depois do regulamento ».

Sala das sessões, 17 de Julho de 1897. — *Miranda Azevedo, Carlos Villalva, Julio Mesquita.*

Ao art. 16 a :

O sello das loterias do Estado será cofado á razão de 2 % sobre o capital de cada uma.

§ Os bilhetes das loterias de outros Estados para poderem ser expostos á venda neste Estado ficarão sujeitos ao mesmo imposto.

Sala das sessões, 16 de Julho de 1897. — *Miranda Azevedo, Eduardo Garcia, Carlos Villalva, Julio Mesquita, Arthur Prado.*

JC

MJ/388

070207

